

PORTA DOS CÉUS: Juazeiro como lugar de salvação a partir de narrativas femininas (Ceará, 1889-1898)

Edianne dos Santos Nobre
Doutoranda em História – UFRN
Bolsista da CAPES

RESUMO: Este trabalho se propõe a analisar a construção do espaço de Juazeiro (sul do Ceará) como um lugar de salvação nas imagens presentes em um conjunto de narrativas femininas no final do século XIX.

PALAVRAS-CHAVE: espaço sagrado, Juazeiro, narrativas femininas.

ABSTRACT: The objective of this work is to analyse the construction of the space of Juazeiro (south of Ceará) as a place of salvation from the images present in a group of feminine narratives belonging to the end of the 19th century.

KEY-WORDS: sacred space, Juazeiro, feminine narratives.

Eis que uma escada se erguia sobre a terra e o seu topo atingia o céu, e anjos de Deus subiam e desciam por ela! (Gn. 28.12).

É na igreja de Nossa Senhora das Dores em Juazeiro que acontece pela primeira vez o sangramento da hóstia na boca da beata Maria Magdalena no Espírito Santo de Araújo (1862-1914) quando a comunhão lhe é ministrada pelo padre Cícero Romão Batista (1844-1934) na primeira sexta-feira de março de 1889. O sangramento que ficou conhecido na historiografia como o *milagre de Juazeiro* foi alvo de uma investigação por parte da Diocese cearense. O objetivo dessa investigação era verificar a idoneidade desse suposto milagre.

Em 1891, o bispo Dom Joaquim José Vieira (1836-1917) instaurou um processo episcopal que foi dirigido por uma comissão composta pelos padres Clícério da Costa Lobo

(1839-1916) e Francisco Ferreira Antero (1855-1929)¹. Essa comissão concluiu naquele mesmo ano que não só o fenômeno do sangramento da hóstia, mas também, outros *fenômenos extraordinários* narrados por um grupo de oito beatas eram divinos. No entanto, a Diocese recusou esse processo. O bispo Dom Joaquim acreditava que esses fenômenos eram embustes produzidos pelas beatas e que elas haviam enganado a comissão que ele instituíra. Outro inquérito foi instaurado (1892/1893), dessa vez condenando os eventos narrados pelas beatas como embustes.

Neste artigo pretendemos analisar nas narrativas dessas beatas, as imagens que fundaram Juazeiro como um espaço sagrado. Quais as imagens e metáforas que serviram de *leitmotiv* à criação de um dos maiores espaços de peregrinação do Brasil? As narrativas que fornecem imagens do povoado de Juazeiro como um “*outro céu*”, aparecem especialmente nos relatos de visões das beatas que depuseram no processo. As visões místicas são, nesse caso, o principal canal de comunicação com a divindade (ALGRANTI, 1993: 91).

Essas visões aconteciam na igreja de Nossa Senhora das Dores (atual matriz de Juazeiro) e, por vezes, o próprio espaço da cidade se confunde nas narrativas com o espaço da igreja. Será ainda nesse mesmo lugar que se deram as diversas aparições de anjos, santos, da Virgem Maria, São José e mesmo do próprio Jesus Cristo a derramar o sangue que corre de suas veias inesgotáveis.

Antes de analisarmos as visões, é importante que nos detenhamos um momento nas expressões utilizadas pelas beatas para narrar os fenômenos ao Delegado episcopal: “*Vi*”, “*Eis que vi*”, “*Eu vi*”. As expressões são claras, *elas viram*. É importante ressaltar o uso da autoridade da visão (enquanto faculdade de ver): elas não estavam sonhando, não estavam em estado de vigília (sono leve); elas estavam orando, meditando ou em êxtases e viram. Segundo Santo Agostinho existem três gêneros de visões: as visões “*corporais*” que dependem dos sentidos do corpo, as visões “*espirituais*” da imaginação e as visões “*intelectuais*” da razão pura (AGOSTINHO *apud* SCHMITT, 1999: 38).

A visão corporal (*visio corporalis*) é o próprio sentido da visão e a visão intelectual (*visio intellectualis*) é a mais alta na hierarquia porque “*provém da razão do homem (mens, ratio) e visa a contemplação direta de Deus*” (SCHMITT, 1999: 39). Entre essas duas, a visão espiritual (*visio spiritualis*) é destacada por Santo Agostinho porque é através dela que

¹ “*Cópia autêntica do processo instruído sobre os fatos do Juazeiro*”, Departamento Histórico Diocesano Padre Gomes – DHDPG. Arquivo da Cúria Diocesana, Crato-Ceará. Doravante citaremos como “*Cópia autêntica...*”.

[...] o 'espírito' do homem (não os sentidos de seu corpo e tampouco a *mens*, a parte superior da alma) percebe 'imagens' ou 'semelhanças' de corpos (e não os próprios corpos). A função da alma que entra em jogo aqui é a *imaginatio*, poder intermediário e mediador entre *sensus* e *mens*, que recebe e elabora as imagens [...]. (SCHMITT, 1999: 39).

As mulheres vêm, durante a oração ou a meditação. Entram em êxtases e podem ver Jesus, Maria, anjos e santos, além disso, podem ter revelações que se assemelham ou são uma espécie de dom da profecia. Tomando as devidas proporções que separam essas mulheres das beatas e santas da Idade Média, podemos inferir que essas visões (como elas mesmas e os padres da comissão chamam) estão no plano das visões espirituais, são portanto, imagens criadas a partir de elaborações que envolvem o contexto religioso e social onde elas vivem, as instruções morais e religiosas que receberam e claro, sua necessidade de estar em um lugar sagrado e de imitar os santos em sua perfeição.

A própria linguagem e as imagens utilizadas pelas mulheres em suas narrativas são semelhantes às narrativas bíblicas; os êxtases são semelhantes aos desses místicos e eles são citados continuamente. De fato, trata-se de uma imitação do exemplo de Cristo, claramente de passagens de Sua vida e especialmente, da imitação de Sua Paixão. O que constitui a experiência mística é, portanto, esse transbordamento dos sentidos que se confirma a partir da união definitiva com a divindade. É uma experiência de extrema comunhão com o sagrado, e é antes de tudo uma experiência interior, através da qual o corpo se entrega aos arroubos eróticos da alma:

En la sustancia última del alma (scintilla, apex, interior, íntimo) donde la unión se opera, se opera la unificación de contrarios: humano-divino, esposa-amado, exterior-interior, cuerpo-alma, femenino-masculino. Esa acción unificante del ser escindido es acción que corresponde, según una larga tradición, al Eros. [...] La aspiración de un ser fundir-se con otro en unidad indisoluble constituye el movimiento primero del erotismo, cuando no de la pura sexualidad. [...] Hay fruición, goce, delectación en la experiencia extrema del místico, a la que su entera naturaleza es arrastrada. Hay Eros, no puede no haberlo: eros de la genitalidad asumida y excedida. [...] (VALENTE, 1991: 44; 47).

Essa erotização se depreende ainda dos “colóquios” entretidos entre a beata e Jesus, nestes as juras de amor são tais que “*com muita propriedade se poderia comparar com o dos Cânticos dos Cânticos*”.² Da mesma forma, nos êxtases, as cenas descritas pelos narradores, traduzem igualmente um deleite, um gozo, uma perda dos sentidos ao “*ver*”,

² Exposição circunstanciada do padre Cícero R. Batista em 17.07.1891 In “*Cópia autêntica*”, p. 04.

sentir a presença do ser amado:

[...] tive a felicidade de ver Maria de Araújo, *extática, toda arrebatada em Deus; a face virada para o Céu, olhos docemente cerrados, lábios entreabertos; não respirava, as mãos postas e um pouco erguidas, o rosto animado, que bem deixava traír o segredo de seu coração! Ela estava inundada de delícias, da pureza de amor Divino!*³

O êxtase é elemento que marca e mesmo valida essas experiências como místicas. São Tomás de Aquino o define como a saída da alma, “*uma saída fora de si mesmo*” (AQUINO *apud* VALENTE, 1991: 89). A saída obedece a um processo de independência da alma (em relação ao corpo físico) que confirma a união com o divino. Para São João da Cruz, “*la experiencia de la noche, la salida de sí para llegar al punto en donde ‘nadie parecía’ en el que ha de realizarse la unión*” (CRUZ *apud* VALENTE, 1991: 94).

Pensamos que no caso das beatas de Juazeiro, as narrativas funcionam também como tentativas de persuasão, no sentido em que querem fazer-creer, procuram elementos inspiradores nos relatos de vidas de santos criando “*marcas de enunciação*”⁴ que agiriam de forma a legitimar a autoridade de quem narra. A experiência mística e religiosa aparece aí como resultado de uma metaforização dos processos vividos na experimentação do maravilhoso (Ver GREENBLATT, 1996: 38).

É neste sentido que as mulheres utilizam em suas narrativas de elementos comuns a uma experiência religiosa cristã, por exemplo, ao fazerem viagens aos espaços do além, como o Inferno e o Purgatório, aludem à própria ida de Cristo aos Infernos (Mt 12.40; At 2.31). Os relatos de tentações de demônios lembram as tentações sofridas por Cristo no deserto (Mt 4.1-11; Mc 1.12-13; Lc 4.1-13). A imposição de penitências por Deus ou pelo confessor, ou mesmo as auto-penitências lembram a necessidade de purgar os pecados e a preparação para a vida no outro mundo (Jo 11.52; Ef 2. 14; Ap 1.5). Essas experiências individuais tendiam a reproduzir histórias que são modelos para uma vida casta e de piedade, e certamente, foram essas semelhanças que atraíram a devoção da população.

Segundo Algranti, mulheres que levavam uma vida devotada à Igreja e à relação com o divino e que ainda apresentavam históricos de reprodução de fenômenos sobrenaturais ou ditos como tal, se identificavam de imediato com a vocação piedosa e, ao mesmo tempo,

³Arquivo do Centro de Psicologia da Religião, Pasta Crato 01,05: Carta de mons. Francisco R. Monteiro ao bispo D. Joaquim Vieira de 25.08.1890, Crato. Grifo nosso. Doravante citaremos apenas CPR/CRA.

⁴Como sugere François Hartog, as marcas de enunciação seriam os recursos linguísticos e procedimentos literários utilizados para dar veracidade a uma narrativa, para fazer com que o outro acredite em sua história. (1999: 316).

com suas visões e êxtases quase sempre acompanhados de dores intensas tendiam a ratificar e fazer perdurar os dogmas da Igreja Católica. Nada impedia essas mulheres de manifestar fenômenos extraordinários ou comunicar-se com Jesus Cristo, Maria e outros santos, porque a vida destes era também tomada como exemplo de comportamento:

Por meio de visões oníricas ou imaginárias, as mulheres não só transmitiam os ensinamentos da Igreja, como serviam muitas vezes como porta-vozes da vontade divina. Em suas visões entravam numa comunhão com Deus [...] a mística visitava os céus, o inferno e o paraíso. Avistava-se com as almas no purgatório e ajudava-as através de suas próprias penitências a atingirem a salvação (ALGRANTI, 1993: 307).

A vida do místico se desenrolava, entretanto, em um espaço onde a característica principal seria a dificuldade de comunicar, elas viviam no espaço vazio que se descortina entre o silêncio que se impõe e a palavra que não se cala: *“La primera paradoja del místico es situarse en el lenguaje, señalarlos desde el lenguaje y con el lenguaje una experiencia que el lenguaje no puede alojar. [...] el místico se sitúa paradójicamente entre el silencio y la locuacidad”* (VALENTE, 1991: 85). Adelina Sarrión ao estudar casos de mulheres leigas que foram levadas perante a inquisição entre os séculos XVI ao XIX, afirma justamente que a experiência mística para ser contada, requer uma linguagem limite. No entanto, essas mulheres não dispõem dos recursos eruditos, na maioria das vezes são analfabetas ou se escrevem, não utilizam uma linguagem erudita e muito menos de uma linguagem ‘autorizada’ e utilizada pela Igreja oficial como o latim. Elas se utilizam, pois, da sua língua e da sua linguagem, rompendo, portanto com o conhecimento teológico em favor do conhecimento empírico:

[...] la religiosidad de estas mujeres está centrada en la relación personal con lo divino, es decir, en la posibilidad de superar la intercesión clerical. [...] Por un lado, transmiten sus experiencias – aunque difícilmente comunicables – a través de su propia lengua en la que escriben y predicán en utilizan el latín, rompen, por tanto, con otra mediación, en este caso el uso de una distanciadora lengua culta que es también la lengua de la Iglesia. [...] Por otro lado, sus experiencias les confieren una autoridad que nace y se apoya directamente en la divinidad – de quien se dicen transmisoras de sus revelaciones – y no en ninguna institución eclesial (SARRIÓN, 2003: 42).

Somente na literatura religiosa ligada ao penitencialismo e às práticas religiosas medievais é que encontramos imagens tão próximas às formuladas pelas beatas do

Juazeiro. O recorrente chamado para conversão dos pecadores, a ênfase na Paixão de Cristo como um sacrifício pela humanidade são comumente encontrados nos livros de prédicas, e no final do XIX estará presente, de modo destacado nos discursos e profecias de Antônio Conselheiro⁵.

Neste sentido, pensamos que a “*Missão Abreviada para despertar os descuidados, converter os pecadores e sustentar os frutos das Missões*” era um livro bastante utilizado, sendo que até hoje está presente e é amplamente divulgado pelos penitentes do Cariri cearense, os Ave de Jesus.⁶ O livro foi escrito e editado originariamente em Portugal em 1859 pelo padre Manuel José Gonçalves do Couto (1819-1897), e foi utilizado amplamente por Antônio Conselheiro em sua missão no arraial de Canudos. Esta talvez seja a última obra conhecida dentro da chamada literatura da “*espiritualidade do terror*”, bastante difundida nos séculos XVIII e XIX na península ibérica, migrando para o Brasil com os portugueses.⁷ A temática da morte também é constante nas páginas da *Missão Abreviada* que chama a atenção do fiel católico para a condenação eterna no fogo do Inferno após o juízo final:

Considera, pecador que no mesmo instante em que a tua alma se apartar do teu corpo, há de comparecer perante o tribunal de Jesus Cristo para ser julgada. Que confusão, e que horror será o teu, pecador, se quando compareceres em juízo ainda estiveres em pecado mortal? [...] Como poderás suportar a face de um Deus irado e contra ti, se um santo Jó, sendo inocente, antes queria esconder-se no fundo do inferno? O juiz que há de julgar-te é um Deus Onipotente, um Deus por ti ofendido e maltratado, por ti desprezado e até crucificado... Oh! Quanto Ele estará irritado contra ti, pecador! Os seus divinos olhos estarão lançando faíscas de fogo contra ti. As suas mão estarão cheias de raios contra ti. Só a sua vista irada é bastante para reduzir-te a cinzas (COUTO, 1868: 66-67).

O chamado à “*rigorosa penitência*” (Idem: 102) também marca as prédicas do padre Manoel Gonçalves do Couto. Tomando a Paixão de Cristo como base para seu discurso, o padre argumenta que é através dos “*sofrimentos*” e da “*morte cruel*” (Idem: 120) que Cristo mostra seu amor pela humanidade. Esse contexto torna possível que Jesus Cristo, “*ensanguentado, cercado de espinhos*” tire sua “*coroa sagrada*” e a coloque na cabeça de

⁵ Não há referência direta ao Conselheiro nas narrativas femininas.

⁶ Grupo de penitentes sediados em Juazeiro do Norte, conhecidos também como Aves de Jesus. Seus rituais são pautados no culto ao Bom Jesus e vivem uma disciplina penitencial rígida que inclui a mortificação ou auto-flagelação dos corpos.

⁷ Podemos citar neste rol os livros do teólogo aragônes Joseph Boneta y Laplana, com a obra “*Gritos das Almas no Purgatório e meios para as aplacar*” (Lisboa, 1702); do mesmo autor, “*Gritos do Inferno para despertar o mundo*” (Lisboa, 1715); do padre Alexandre Perrier, “*Desengano de pecadores*” (provavelmente do final do XVIII).

Maria de Araújo, dizendo: “*Aprende a amar-me*”⁸.

As imagens construídas nos depoimentos remetem à construção de Juazeiro como um espaço de ação do catolicismo devocional, é um espaço estruturado de maneira teleológica, construído a partir de um modelo bíblico que prevê um final apocalíptico. Entretanto, percebemos que a própria imagem do Sagrado Coração de Jesus, uma imagem da ação ‘romanizadora’, será objeto de apropriação e reconfiguração das beatas em suas visões, principalmente quando elas ‘vêm’ essa imagem aliadas à outras que fazem parte do catolicismo devocional. Os relatos das beatas denotam essas apropriações e fundaram, por sua vez, construir um mito: Juazeiro como lugar da segunda vinda de Cristo.

Neste sentido, a transmutação do espaço de Juazeiro em um lugar de salvação tem na Igreja de Nossa Senhora das Dores sua realização, pois, é lá o espaço de sociabilidade por excelência das beatas e devotos que crêem que o sangue ali derramado é o sangue de Cristo. Embora seja forçoso notar que da maneira como os relatos são elaborados, por vezes, os espaços da Igreja e da cidade se confundem e se torna difícil distinguir se as beatas estão se referindo à igreja ou à cidade, um espaço se torna extensão do outro, por isso, falamos aqui de um espaço sagrado – Juazeiro – e de seus lugares de devoção – igreja, Horto, etc. -. Este espaço sagrado é ainda, por excelência, o espaço do espetáculo da aparição de anjos que entoam cânticos de louvor ao Sangue Precioso, juntamente com Jesus e Maria, como conta Maria de Araújo:

Além das revelações já expostas, declarou mais ter, assim antes da transformação das hóstias em sangue, como depois do fato, visto coros de Anjos, precedidos de Jesus e Maria entrando processionalmente na Igreja do Juazeiro com tochas acesas e entoando cânticos, todos em direção ao altar do Santíssimo para ali adorá-lo⁹.

Como explica Jean Delumeau, a cidade celeste era geralmente percebida, tanto por visionários quanto pelos artistas sob a forma de uma igreja, era ela mesma, “*a figura da assembléia universal dos fiéis: a ‘Igreja’ com I maiúsculo, ainda ‘militante’ na terra, mas chamada a tornar-se um dia a Igreja ‘triumfante’ e eterna*” (DELUMEAU, 2003: 110). A igreja de Juazeiro, será imaginada nesse momento, como um espaço aonde o maravilhoso se manifesta constantemente, seu interior será palco de visões, revelações divinas e, principalmente, o lugar da adoração do Sangue Precioso de Cristo.

⁸ CPR/CRA: 01,06. Carta de mons. Francisco R. Monteiro a D. Joaquim Vieira datada de Crato, 20.04.1890.

⁹Aditamento ao auto de perguntas feitas à Maria de Araújo em 11.09.1891 In “*Cópia autêntica*”, p. 15.

É, porventura, um espaço da esperança de uma eterna felicidade no além, embora o caminho que se percorra até o Paraíso seja perpassado pela aura que alude ao sofrimento de Cristo. É um caminho de pedras e espinhos, mas que traz em si a promessa do gozo eterno. Nas visões, Cristo aparece sempre a derramar seu sangue e pede às suas “esposas” que através do sofrimento se unam à ele na tarefa de conversão das almas, a fim de fazer daquele lugar sua morada na terra, seu “*outro céu*”, onde seriam vertidas “*abundantes graças*” para os que ali chegassem e se arrependessem dos seus pecados.

Na perspectiva de uma topoanálise, a igreja constitui uma *imago mundi*, uma imagem do mundo construída a partir do modelo geral do grande cosmos. Ambas situam-se simbolicamente no Centro do Mundo, pois, cada habitação traz em si a marca do habitante, é um “*verdadeiro cosmos [...] a casa abriga o devaneio, a casa protege o sonhador*” (BACHELARD, 2003: 199; 201). Também a igreja enquanto *imago mundi* é para as beatas seu cosmos, um lugar de proteção contra o mal, é também sua casa, e posto que está localizada em um espaço sagrado é a própria “*imitação da Jerusalém celeste*” e constitui uma “*abertura para o alto*” que assegura comunicação com o mundo divino¹⁰. De fato, como afirma Delumeau, para os cristãos, “*O lugar da felicidade eterna é a cidade celeste*” (2003, 101).

Neste espaço de devoção que é a igreja de Juazeiro, é forjada a intimidade com a divindade, é na igreja que as beatas se sentem à vontade para receber o amor de Cristo em sua integridade. É ali também que as fronteiras entre a ortodoxia e a heterodoxia se diluem, no sentido, em que estas mulheres se sentem autorizadas por Deus à proclamar ‘novos’ cultos e práticas dentro do espaço de controle da ortodoxia – pois, embora tenha seu espaço ressignificado pelas experiências e vivências que ali se desenvolvem a igreja (física) pertence primordialmente à Igreja oficial e está dentro da jurisdição da Diocese. Essa função ambígua é inerente à igreja, uma vez que lá são executados:

[...] gestos regulados, simbólicos, que figuram ou atualizam realidades misteriosas no decurso de cerimônias para as quais concorrem simultaneamente, como no jogo, as virtudes contrárias da exuberância e da regulamentação, do êxtase e da prudência, do delírio entusiasta e da precisão minuciosa (CAILLOIS *apud* FLECK, 2002: 1001).

Também, a mistura de elementos de ordem material e sobrenatural nas visões é

¹⁰Para Mircea Eliade, toda igreja ou templo é por sua estrutura uma imitação do modelo da Jerusalém celeste, pois, foi Jeová que revelou a Moisés e a seus eleitos os modelos do tabernáculo, dos utensílios sagrados e do Templo, desde a eternidade, para que fossem reproduzidos sobre a Terra (2001: 30; 56-59).

significante dessa diluição das fronteiras, no que diz respeito à própria organização do mundo das beatas. A igreja de Nossa Senhora das Dores torna-se um espaço de devoção que é continuamente ratificado nas visões que as beatas tinham com a igreja ou na igreja. O *leitmotiv* mais recorrente nessas visões é a imagem do *derramamento* ou do *transbordamento*:

Maria das Dores do Coração de Jesus, natural da freguesia de Missão Velha deste bispado e ora aqui residente, costureira, idade de quinze anos, solteira, testemunha jurada dos Santos Evangelhos [...] disse que uma vez viu a *âmbula cheia de sangue a transbordar e derramar-se por todo o altar, aparecendo então Nosso Senhor todo ensanguentado*, o qual nessa mesma ocasião deu a comunhão a Beata Maria de Araújo sob a espécie de pão tirando para esse fim uma partícula da mesma âmbula¹¹.

O transbordamento do sangue na âmbula nos guia por sua vez ao transbordamento dos sentidos presentes nessa visão. No Novo Testamento, o “*sangue de Cristo*” alude ao caráter sacrificial da morte de Jesus (Cl 1,20). É também através do sangue que seremos reconciliados por Deus (Ef 1.7; 2.13), isto é, no universo cristão é somente através do sacrifício (em que se baseia a penitência no catolicismo tradicional), e da expiação dos pecados (já predita no Antigo Testamento em Lv 6.30 e Ez 45.20) que é possível obter o perdão de Deus (*Bíblia Sagrada*, 1994: 1318). A noção de sacrifício pode então ser entendida como “*dom e abandono [...] compartilhamento de uma paixão que se traduz em comunhão experienciada através de gestos que levam aos excessos, ao aniquilamento*” (SOUZA, 2007: 42).

Não obstante, a missa católica também é chamada de sacrifício, pois, a cena central e esperada do espetáculo é a comunhão eucarística, isto é, a divisão entre os fiéis da hóstia consagrada que “*sob espécie de pão*” representa o corpo de Cristo:

El mismo Dios, pues, y Señor nuestro, aunque se había de ofrecer a sí mismo a Dios Padre, una vez, por medio de la muerte en el ara de la cruz, para obrar desde ella la redención eterna; con todo, como su sacerdocio no había de acabarse con su muerte; para dejar en la última cena de la noche misma en que era entregado, a su amada esposa la Iglesia un sacrificio visible, según requiere la condición de los hombres, en el que se representase el sacrificio cruento que por una vez se había de hacer en la cruz, y permaneciese su memoria hasta el fin del mundo, y se aplicase su saludable virtud a la remisión de los pecados que cotidianamente

¹¹ Depoimento de Maria das Dores do Coração de Jesus em 18.09.1891 In “*Cópia autêntica...*”, p. 29. Grifo nosso.

cometemos¹².

Segundo as prescrições do Concílio de Trento, a missa, tomada como sacrifício serviria para lembrar a morte de Cristo na cruz que é a imagem central da Paixão. Na cultura barroca a cruz é evocadora da própria memória da morte sacrificial do cordeiro e do drama de Maria, por isso seguindo as prescrições de Trento, o texto das Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia manda que “*nas Igrejas se ponhão [sic] as Imagens de Cristo Nosso Senhor, de sua Sagrada Cruz, da Virgem Maria Nossa Senhora, e dos outros santos*” e acrescenta que “*sempre as Imagens de Cristo Nosso Senhor devem preceder a todas, e estar no melhor lugar; e logo as da Virgem Nossa Senhora*”¹³.

Segundo informa Adalgisa Campos, na iconografia do catolicismo barroco, a cruz é também o elemento que unifica o culto da Paixão ao Arcanjo Miguel, que como falamos foi amplamente associado ao anjo Custódio do reino de Portugal. Para as beatas, o sangue que se derrama continuamente faz de Juazeiro um espaço onde aqueles que têm sede podem recorrer:

Jahel Wanderley Cabral, natural desta povoação do Juazeiro, deste bispado, idade de trinta e um anos, solteira, testemunha jurada dos Santos Evangelhos [...] Em dias do mês de julho de 1890, estando eu orando na Capela do Juazeiro, às oito horas da manhã, [...] *eis que vi o mundo a sofrer uma grande tempestade*, depois da qual tive de ver pássaros de todas as qualidades e de todas as cores, bebendo sangue contido em uma grande caixa; então um deles olhou para mim, e com o bico tinto de sangue me disse: *estes pássaros são almas de toda qualidade, as quais virão de todas as partes e lugares a beber sua salvação no sangue de Nosso Senhor derramado aqui neste lugar*. Esta visão foi seguida de outras¹⁴.

A visão é ambígua quanto à localização da “caixa”. A expressão “*aqui neste lugar*”, tanto pode ser a Igreja onde acontece o milagre eucarístico com Maria de Araújo, como pode ser o próprio Juazeiro. Também pode ser uma referência à caixa de vidro que guardava os panos manchados com o sangue que brotava das ‘hóstias milagrosas’ ou dos crucifixos sangrentos. Também outra imagem próxima é citada pela beata Jahel no aditamento que fez ao seu depoimento no primeiro inquérito, que “*Desde a vez primeira que*

¹² *Documentos do Concílio de Trento*, Sessão XXII, Cap. I “De la institución del sacrosanto sacrificio de la Misa”. Disponível em Biblioteca Electrónica Cristiana - <http://multimedios.org/docs/d000436/>.

¹³ Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia, Sessão XX-696/699, Cf. CAMPOS, Adalgisa Arantes. *São Miguel, as almas do Purgatório e as balanças: iconografia e veneração na Época Moderna*. Revista Memorandum 7, 102-127, p. 119, Nt. 34. Grifo nosso. Disponível em <http://www.fafich.ufmg.br/~memorandum/artigos07/campos01.htm>. Acessado em 23/02/2009.

¹⁴ Aditamento de Jahel Wanderley Cabral em 05.10.1891 In “*Cópia autêntica...*”, p.51. Grifo nosso.

*apareceu aqui sangue nas hóstias consagradas me foi revelado divinamente que aqui (na Capela do S. S.) seria como uma outra piscina, onde muitos se lavariam assim na alma, como no corpo*¹⁵.

Ambas as imagens da caixa e da piscina se referem a um lugar de purificação, além disso, a primeira imagem possui claramente um caráter de profecia: primeiro, o “*mundo sofre uma tempestade*”, depois todos os pássaros se põem a beber do sangue da “*grande caixa*”. Estaria a beata se referindo às crises políticas que envolviam a Igreja e a queda da Monarquia? Pela ordem dos eventos narrados, após a tempestade, os pássaros, que como ela mesma diz representam as almas cristãs, correm a beber do sangue.

Da mesma forma, o sangramento da hóstia em Juazeiro se dá concomitantemente aos eventos que provocaram a Proclamação da República em 1889. A visão demonstrava que com a queda da Monarquia perdia-se o controle da religião? Talvez, mas por outro lado, como várias visões tem a função de advertir sobre a Segunda vinda de Cristo, podemos aferir que a visão da beata Jahel vem ainda, anunciar a transformação do espaço em um lugar de peregrinação, onde os pássaros são as almas (peregrinos) que viriam ver e beber do Sangue Precioso, arrependendo-se de seus pecados e convertendo-se à religião de Cristo.

Finalmente, o sangue precisa ser derramado, pois, segundo o próprio Cristo, na voz da beata Jahel Cabral, do mesmo modo que serve para a salvação, serve também como punição: “*o sangue que derramei e [que] hei de derramar servirá de castigo para os que não acreditarem na minha onipotência*”¹⁶. A caixa repleta de sangue é a imagem que representa o espaço sacralizado, é o lugar aonde as “*almas de toda qualidade*” recorrem, pois, ali é o Centro do Mundo, um espaço que vive “*em comunicação com o mundo divino*” (ELIADE, 2001: 81).

Outra referência que a “*caixa de sangue*” evoca é a imagem do lagar místico. A partir da difusão ao culto eucarístico e às chagas de Cristo, é possível, já no século XIII, identificar na iconografia religiosa que fazia representações da Paixão de Cristo a imagem do lagar místico como um tanque que abrigava o sangue que escorria das chagas de Jesus. O próprio tema do sangue que escorre é recorrente nessas imagens do lagar:

[No] final do século XV, a imagem do lagar místico era tratada de maneira realista e dolorista, pois era preciso atrair a atenção sobre os sofrimentos do Redentor, para avivar a compaixão dos fiéis. Assim como o cacho de uvas era esmagado no

¹⁵ Aditamento de Jahel Wanderley Cabral em 05.10.1891 In “*Cópia autêntica...*”, p.53.

¹⁶ Depoimento de Jahel Wanderley Cabral em 15.09.1891 In “*Cópia autêntica...*”, p.22.

lagar, Cristo estava sujeito às opressões da cruz e aos sofrimentos da paixão. Chegou-se até mesmo a representar a imagem surpreendente do Pai ativando ele mesmo a prensa do lagar que fazia jorrar o sangue do corpo de Cristo (GÉLIS In CORBIN, 2008: 40).

A caixa sangrenta descrita por Jahel serve de apara ao sangue de Cristo, como um lagar serve de apara ao suco da uva que será transformado em vinho. Não sabemos se essa imagem do lagar era uma imagem conhecida dessas mulheres, mas sabemos que certamente era conhecida dos sacerdotes, eles mesmos conhecedores de várias outras imagens ligadas ao sacrifício de Cristo.

A presença dos pássaros também alude a um trânsito entre o céu e a terra, eles são os mensageiros de Deus. No campo simbólico, eles significam a espiritualidade de uma maneira geral (BETHENCOURT, 2004: 153). Notemos que é a pomba que representa o Espírito Santo tanto nas aparições miríficas quanto na iconografia cristã. A imagem do pássaro também é recorrente na literatura religiosa para representar os anjos, que segundo São Paulo, são seres que *“brilham como o Sol, têm o nome de Deus inscrito no peito e trazem a palma, símbolo da vitória contra o mal, e a cruz, símbolo maior para o cristão”* (CAMPOS, 2004: 107). Os anjos estavam presentes na criação e estarão presentes no Juízo Final, tendo em São Miguel seu grande líder.

Nos relatos das beatas, as visões com os anjos são recorrentes e embora não haja nos relatos uma especificação mais detalhada de como eram esses anjos, de onde eles vinham ou se eram chamados por algum nome em especial, a relação das mulheres com eles também era de total intimidade, eles estavam sempre à disposição para auxiliá-las nos resgates das almas do Purgatório, bem como viviam a adorar o Sangue Precioso na igreja de Nossa Senhora das Dores:

Maria Leopoldina Ferreira da Soledade, natural da freguesia do Crato, ora residente na povoação do Juazeiro, idade de vinte nove anos incompletos, solteira, testemunha jurada dos Santos Evangelhos [...] Respondeu que no dia 25 de março, tendo-lhe ordenado o confessor, depois de uma benção a ela dada em honra da S. S. Virgem, que ela testemunha adorasse a Nosso Senhor ali presente no Sacramento da Eucaristia, especialmente manifestado naquelas hóstias transformadas em sangue, logo depois de sua comunhão, teve ela de ver na Capela do S. S. Sacramento diversos anjos e dentre eles três que se nomearão por seus próprios nomes, sendo um – *Testes fidelis* – outro – *Reverentia* – outro finalmente – *Maravilha*¹⁷.

¹⁷Auto de perguntas à Maria Leopoldina F. da Soledade em 17.09.1891 In *“Cópia autêntica”*, p. 23.

Um dos anjos citados, *Testes fidelis*, que quer dizer, *Testemunha Fiel* (Cf. BARBOSA, 2007) , é um anjo presente nas páginas dos Salmos bíblicos: “*Para sempre será sua linhagem, seu trono como um sol à minha frente; como a lua que dura sem cessar, testemunha fiel no firmamento*” (Sl 89: 37-38). A menção de *Testes fidelis* adquire um sentido profético ao proclamar a presença constante da testemunha fiel do derramamento do Sangue Precioso de Cristo. Neste sentido, mencionar os nomes dos anjos talvez tenha o objetivo de dar credibilidade à narrativa¹⁸.

Por outro lado, também nos leva a pensar que estas mulheres se assumem como testemunhas de Cristo ao reivindicar a missão que mostra que o Juazeiro é o lugar que Ele escolheu para sua Segunda Redenção. Sem exceção, todas essas “*testemunhas*” empregam em suas narrativas elementos por sua vez, da ortodoxia católica e aquelas mais instruídas trazem discussões mais profundas que visam dar legitimidade aos fenômenos nos quais elas são os instrumentos de Deus.

Neste sentido, um dos recursos importantes que as mulheres utilizam em suas narrativas é fazer Jesus Cristo falar em primeira pessoa. Quando a afirmação é muito forte ou questiona de algum modo a autoridade da Diocese, as testemunhas chamam o protagonista, recurso expressivo dentro de uma ação teatralizada:

No dia 29 de julho de 1891 as dez horas da manhã, [...] estando eu a confessar-me teve o confessor de dizer que a opinião do Bispo era que o sangue havido aqui nas comunhões não era o sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo, e sim um sangue trazido pelos anjos; [...] No mesmo dia, estando eu a assistir missa que se celebrava na Capela do S. S. Sacramento, na ocasião de fazer eu uma estação em honra da Paixão de Nosso Senhor, no ato mesmo da comunhão por mim feita no adorável Coração de Jesus, conforme ele mesmo me prescrevera, falou-me Ele assim: *Santo Tomás não disse que aquele sangue derramado das hóstias, era sangue trazido pelos anjos, se assim fosse, como teria ele feito, em tantos livros, tantos atos de desagravo ao Coração de Jesus no S. S. Sacramento? Se é assim – um sangue trazido pelos anjos – então que se acabe com todas as obras de Santo Tomás. Pergunte ao Bispo se quando eu instituí o S. S. Sacramento, não era Homem-Deus? Maior humilhação foi a que eu me sujeitei, instituindo o S. S. Sacramento, do que a de encarnar eu no ventre de uma Virgem, fazendo-me menino, e passando por todos os passos de minha vida humana até a morte de cruz. Semelhantemente maior é a humilhação de estar eu presente na eucaristia até a consumação dos tempos, do que a de derramar nela o meu sangue. Foi justamente nesta ocasião que eu vi Jesus pregado na Cruz, e sendo traspassado seu coração por uma lança, ele me disse: [...] assim a encarrego de dizer que posso derramar meu sangue no meu sacramento, mostrando-me assim no mesmo*

¹⁸ Infelizmente ainda não descobrimos referências diretas ao possível significado para os outros dois nomes: Reverência e Maravilha. O primeiro, do latim Reverência, aparece na Bíblia em 2Co 7.1, mostrando que de uma “*atitude de reverência, fluem com naturalidade os atos de obediência*” (Bíblia Sagrada, 1994). Maravilha refere-se possivelmente ao fato extraordinário realizado por intervenção divina, como em Mt 21.15.

*tempo passível e impassível*¹⁹.

Assim, para questionar (e condenar) o julgamento do Bispo sobre o sangramento eucarístico, quem fala é o próprio Deus/Cristo, ao mesmo tempo, usando ainda a primeira pessoa, ele “*a encarrega*”, isto é, ela se torna uma mensageira com a missão de divulgar que o sangramento eucarístico é verdadeiramente um milagre, um prodígio divino. É significativo, também que a visão aconteça durante uma meditação sobre a Paixão de Cristo.

Vários místicos dedicavam suas horas de meditação ao drama da Paixão e à imagem do Cristo sofredor, e nessas horas de meditação chegavam a compartilhar do sofrimento de Cristo. Segundo a tradição religiosa, São Francisco meditava sobre a Paixão de Cristo quando “*sentiu necessidade de compartilhar com Cristo, as dores do Calvário, recebendo aí os estigmas da Paixão*” (CAMPOS, 2004: 107). Santa Tereza D’Ávila meditava sobre a Paixão quando sofreu a transverberação do coração e teve “*a impressão de que me transpassava algumas vezes com o dardo o coração até o mais íntimo e, quando o tirava, parecia-me estar arrancando também esta parte íntima do coração. E quando me deixava sentia-me inteiramente inflamada do ardente amor de Deus*” (NIGG *apud* MOTT, 1993: 525).

Outras beatas menos famosas, mas que possuíam as mesmas direções espirituais, também manifestaram certos fenômenos, que somente ficaram conhecidos, graças à perseguição empreendida pela Igreja católica através do Tribunal da Inquisição, como Micaela de Jesus, moradora em Lisboa, que aos 27 anos se unia corporalmente a Cristo em solidariedade ao seu sofrimento, “*sentindo essa união em todas as partes do corpo*”.²⁰ Neste sentido, essas manifestações de êxtase intenso com a divindade provocados pela meditação na Paixão traduzem uma “*emoção religiosa intensa*”, que no dizer de Roger Caillois, “*faz-se acompanhar de uma representação que se sabe factícia, de um espetáculo que se desempenha cientemente, mas que todavia não é de forma alguma embuste ou divertimento*” (CAILLOIS *apud* FLECK, 2002: 1001).

Como mostram também as falas da visão, para os crentes nos milagres de nada importa a autoridade diocesana perante a autoridade do próprio Deus/Cristo, pois só ele tem o direito de colocar em discussão o seu próprio sangue. Segundo o jornalista José Marrocos (1842-1910), contemporâneo dos eventos, a impressão que se tinha era que nada poderia destruir a “*verdade*” que ali se mostrava. Para os peregrinos e beatas o sangue que brotava

¹⁹ Aditamento de Jahel Wanderley Cabral em 05.10.1891 In “*Cópia autêntica...*”, p.51. Grifo nosso.

²⁰ ANTT, Inquisição de Lisboa, processo nº 7.896. Auto de fé de 14.10.1744, *apud* MOTT, 1993: 525.

das hóstias e crucifixos era mesmo o sangue do próprio Jesus Cristo e diante disso, a “*proibição Diocesana desapareceu [...] e anulou-se mesmo diante desse poder que pisa por cima das duas forças invencíveis deste mundo: o poder da autoridade que manda e a submissão do súdito que obedece*”²¹.

Algumas ‘reivindicações’ também são expressas nas visões, quando, por exemplo, em uma das visões de Maria de Araújo, “a S. S. *Virgem recomendou que nesta Igreja do Juazeiro se cantasse, das seis para as sete horas da tarde o Ofício em honra de suas dores, prometendo muitas graças particulares que Deus tinha de dar a este lugar [...]*”²². De fato, na(s) igreja(s) do Juazeiro, o Ofício da Imaculada Conceição de Maria é cantado até hoje, todos os dias ao cair da tarde. Esse Ofício foi composto no século XV e é formado por sete hinos que louvam as virtudes de Maria e a tomam como a grande defensora das causas dos pecadores e intercessora fiel junto à seu filho. No século XIX a prática de se rezar o Ofício respeitava os horários canônicos: *Matinas* (de madrugada), *Prima* (seis da manhã), *Terça* (nove da manhã), *Sexta* (meio-dia), *Noa* (três da tarde), *Vésperas* (seis da tarde) e *Completas* (cair da noite) e na tradição popular é sabido que nas casas de família onde havia o costume de se rezar o Ofício, todas as atividades domésticas paravam, porque “*Nossa Senhora ficava de joelhos e de mãos postas, sem poder se levantar enquanto não viessem a completar o seu Ofício*” (VIANA *apud* MOTT, 1993: 71). No ofício e nas visões, Maria assume o papel de intercessora:

[...] *vi Nossa Senhora toda vestida de verde dizendo então: remetam ao Papa o processo que se há de fazer, o que respondendo eu que só seria remetido ao Papa se o Bispo mandasse, como me disse o padre, ela replicou: remetam para o Papa*²³.

A ênfase na ordem da Virgem Maria para que o processo fosse remetido para o Papa, significava provavelmente a esperança das mulheres – simbolizada também na cor verde do vestido de Maria – de que a Igreja Católica apoiasse e se manifestasse a favor dos fenômenos que ocorriam em Juazeiro. Essa visão também se fundamentava na ideia que as beatas tinham que o Papa seria a favor dos milagres, pois ele mesmo não aprovara outros tantos?²⁴ Questionamos ainda, em que medida não há uma influência externa, dos

²¹ Depoimento de José J. T. de Marrocos em 12.10.1891 In “*Cópia autêntica...*”, p. 68.

²² Aditamento ao auto de perguntas feitas à Maria de Araújo em 11.09.1891 In “*Cópia autêntica*”, p. 14.

²³ Aditamento do depoimento de Jahel Wanderley Cabral 05.10.1891 In “*Cópia autêntica*”, p. 52. Grifo nosso.

²⁴ O mais famoso milagre eucarístico aconteceu em 1263 na cidade de Bolsena, quando o padre Pedro de Praga pôs em dúvida a presença de Cristo na Sagrada Eucaristia. Durante a missa, ao partir a hóstia, esta se

sacerdotes, na ênfase destas narrativas em achar que se o processo fosse remetido diretamente ao Papa, seria aprovado sem mais delongas?

Não é coincidência que o padre Antero, secretário da primeira comissão tenha levado pessoalmente uma cópia à Roma sem autorização do diocesano. O próprio Antero já afirmara também que se “*Roma não autenticasse os milagres de Juazeiro, ela se defrontaria com a tarefa de invalidar ‘milagres idênticos (que já tinham sido) aprovados pela Igreja’ e nos quais os povos da França, de Portugal e da Itália vinham de longa data, acreditando*”²⁵.

Na época, a Igreja Católica achava-se sob o pontificado de Leão XIII (1810-1903)²⁶. Esse papa, famoso pela quantidade de encíclicas que promulgou ao longo de seus 25 anos de pontificado (83 encíclicas ao todo), foi responsável também pela instituição do culto à Virgem Maria sob a forma do dogma da Imaculada Conceição. As visões com o papa se faziam sempre no sentido de dar andamento ao processo, enviando-o diretamente para Roma, isso é um indício de que as mulheres não queriam que o processo passasse pelas mãos do bispo, pois já sabiam da sua indisposição com relação aos milagres. Assim é, que o papa é visto tanto no Juazeiro: “*vi eu em espírito o Eterno Padre e o Papa, ajoelharem-se e adorarem as hóstias ensanguentadas*”,²⁷ quanto em Roma, quando a beata Maria de Araújo faz suas viagens espirituais: “*teve ela de ser mandada em espírito por ordem imediata de Deus a ir ter com o Papa em Roma a recomendar-lhe a aprovação destes fatos, com promessa da dispensação de maiores graças para a Igreja Universal, se por ventura tal aprovação se efetuisse*”²⁸.

Em outras visões, como nas da beata Jahel Cabral, o próprio Deus aparece em adoração aos panos “*no Consistório da Capela do Juazeiro, trajando verde, em figura de um homem, ajoelhado diante da caixa de vidro, e logo depois teve um sonho no qual acordou quando se achava no Palácio Episcopal de Fortaleza*”.²⁹ Novamente a cor verde está presente na visão para indicar a esperança. Em algumas pinturas que representam motivos cristãos, o verde é geralmente a cor predominante indicando a esperança da salvação promovida pelo Messias (DELUMEAU, 2003: 158). Em outra visão da mesma beata, Deus

transformou em carne viva, sangrando por todo o altar. Esse episódio inspirou o papa Urbano IV a criar a festa de Corpus Christi. Há outros menos famosos como o de Santa Juliana Falconieri (Século XIV) ou das beatas espanholas Madalena da Cruz e Maria da Visitação (Século XVII) (Cf. MOTT, 1993: 142).

²⁵ Carta de padre Antero à monsenhor Saluci, Roma, 05.08.1892, *apud* DELLA CAVA, 1976: 69.

²⁶ Nascido Vincenzo Gioacchino Raffaele Luigi Pecci Prosperi Buzzi na cidade de Carpineto Romano em 02 de março de 1810 e faleceu em Roma, 20 de julho de 1903. Foi entronizado papa em 20 de fevereiro de 1878. Conhecido como “papa das encíclicas sociais”, sua encíclica mais famosa é a *Rerum Novarum* que versa sobre os direitos dos trabalhadores.

²⁷ Aditamento ao auto de perguntas da beata Jahel Wanderley Cabral em 05.10.1891 In “*Cópia autêntica*”, p. 52.

²⁸ Aditamento ao auto de perguntas feitas à Maria de Araújo em 11.09.1891 In “*Cópia autêntica*”, p. 14.

²⁹ CRA 04,28: Carta do padre Alexandrino de Alencar a D. Joaquim Vieira datada de 1895 (16.05??), Crato In *Anais do III Simpósio Internacional sobre o Padre Cícero*, p. 262.

(Padre Eterno) surge com a intenção de ajudar as mulheres à convencer o bispo diocesano do caráter divino dos milagres:

As dez horas do mesmo dia [04.09.1891], estava eu em oração, quando vi outra vez o Eterno Padre, dizendo-me então: Nos altos decretos de Deus foi permitido isso que o Bispo fez (E nisso mostrava-me uma carta); em seguida o Padre Eterno tomou-me pelas mãos dizendo: Vamos a casa do Bispo; quando ali chegamos, chamou ele pelo Bispo e ele [o bispo] não respondeu, o que se deu depois, digo, então eu indiquei que melhor seria subirmos, e o Eterno Padre disse em resposta: não, vamos ser os pequenos para depois sermos os grandes. Chamou pela segunda vez o Bispo, e vindo então algumas pessoas, da casa para saber do que queria, disse o Eterno Padre que queria falar com o Bispo mesmo, ao que ficando eles como que indiferentes, chamou terceira vez o Eterno Padre pelo Bispo, que não acudiu ao chamado, quando então disse o Eterno Padre – está vendo? Já é a terceira vez que o chamo, vamos embora, e nesse ínterim traçou uma cruz sobre a porta³⁰.

A carta a qual a beata se refere e que é mostrada a ela pelo Pai Eterno, é possivelmente a Decisão interlocutória do bispo (divulgada em 21 de julho de 1891) que proibia que se desse culto ao sangue “*como se fora o verdadeiro sangue de Nosso Divino Redentor*”³¹. Mas, a visão talvez deseje mostrar principalmente que o bispo diocesano não estava conectado com Deus tanto quanto elas estavam. Os funcionários do bispo, da mesma forma não conseguem intuir que aquele que se apresenta à sua frente é o próprio Deus e “*ficam indiferentes*”. Essas mulheres afirmam com suas visões possuir uma ligação com a divindade independente de uma intermediação, e essa é uma das prerrogativas do catolicismo penitencial, bem como do misticismo.

Ainda na mesma visão, o *Padre Eterno* chama o bispo por três vezes. A simbologia do número três está presente em várias visões: três vezes Maria de Araújo teve de ir a Roma conversar com o Papa;³² três anjos se nomearam perante Maria da Soledade e esta mesma beata tomou sobre si a incumbência de sufragar três almas;³³ três vezes Anna Leopoldina teve de ir ao Céu;³⁴ e no dia três de setembro de 1891, a Virgem Maria apareceu e “*com ar de tristeza*” disse a Maria de Araújo: “*Todos esses fatos aqui ocorridos são graças reservadas para os últimos tempos*”³⁵. O número três representa justamente o Deus trinitário cristão (Pai, o Filho e o Espírito Santo) simbolizando a perfeição divina, “*exprimindo a*

³⁰ Aditamento ao auto de perguntas da beata Jahel W. Cabral em 05.10.1891 In “*Cópia autêntica*”, p. 52.

³¹ Portaria do bispo D. Joaquim J. Vieira, de 21.07.1891 instaurando o processo In “*Cópia autêntica...*”, p. 06.

³² Aditamento ao auto de perguntas feitas à Maria de Araújo em 11.09.1891 In “*Cópia autêntica*”, p. 14.

³³ Auto de perguntas à Maria Leopoldina F. da Soledade em 17.09.1891 In “*Cópia autêntica*”, p. 23-25.

³⁴ Auto de perguntas à Anna Leopoldina Aguiar Melo em 28.09.1891 In “*Cópia autêntica*”, p. 46.

³⁵ Aditamento ao auto de perguntas feitas à Maria de Araújo em 11.09.1891 In “*Cópia autêntica*”, p. 16.

síntese, a ordem espiritual em Deus, no cosmos e no homem” (BETHENCOURT, 2004: 136).

Essas visões ratificariam a proposição principal de que o espaço de Juazeiro era essencialmente um espaço de salvação, primeiro porque ali há o derramamento do sangue de Cristo e este morreu na cruz para salvar a humanidade, redimindo-a de seus pecados. A imagem do derramamento também alude à sede. Na Bíblia, o amor de Cristo é comparado a uma fonte que jorra a água da vida para aqueles que têm sede: “*E disse-me mais: Está cumprido. Eu sou o Alfa e o Ômega, o princípio e o fim. A quem quer que tiver sede, de graça lhe darei da fonte da água da vida*” (Ap 21.6). Do mesmo modo, Juazeiro enquanto espaço escolhido por Cristo para sua Segunda Redenção é o lugar de onde as graças são derramadas para o mundo inteiro:

[Jesus disse a Jahel Cabral] Eis aqui está (nesta caixa) o princípio das graças que hei de derramar sobre o mundo inteiro: quiseram muitos de secar o rio que jorra daquele princípio, mas por muito que tenham lutado para assim fazer, eu não consentirei; aí *me era mostrado* tendo Jesus aberto o coração, do qual jorrava um rio que regava toda a terra, como também *me era representado* o Padre Eterno e o Espírito Santo, de um e outro lado de Jesus³⁶.

Novamente a Trindade se destaca na visão que fala sobre as graças reservadas àqueles que beberem da fonte da vida (do sangue) que é o coração de Jesus. Ela diz: “*me era representado*”, aí temos não a percepção dos corpos da Trindade (Padre Eterno, Espírito Santo e Jesus), mas uma ‘semelhança de corpos’, sem o ser verdadeiramente. São imagens, representações, o que confirma a visão espiritual: “[...] *É uma imago, uma ‘imagem espiritual’ e não ‘corporal’, que tem apenas a aparência de um corpo. [...] Todas essas imagens são percebidas não pelos olhos do corpo, mas pelos ‘olhos da alma’ [...]*” (SCHMITT, 1999: 41-42, Grifo no original).

A experiência dessas mulheres irá construir o espaço de Juazeiro como um lugar de irradiação do sagrado a partir da repetição da hierofania da Paixão de Cristo. Os diversos personagens que compõem as cenas representadas nas visões dão legitimidade aos relatos das beatas (ainda que sejam relatos filtrados), isto é, a afirmação de Juazeiro como espaço sagrado e da Igreja de Nossa Senhora das Dores como lugar de salvação não é feita somente pelas mulheres, mas também por anjos e santos, pela Trindade, pela Virgem Maria e até mesmo pelo papa (que fora das visões apoiou a Diocese e condenou os milagres).

³⁶Aditamento ao auto de perguntas da beata Jahel W. Cabral em 05.10.1891 In “*Cópia autêntica*”, p. 53.

Assim, o espaço de Juazeiro será construído a partir das visões de mundo que permeiam a experiência mística feminina que emerge a partir de uma vivência do catolicismo penitencial.

Referências Bibliográficas

ALGRANTI, Leila Mezan. *Honradas e devotas: mulheres da colônia*. Rio de Janeiro: José Olympio; Brasília: EdUnb, 1993.

BACHELARD, Gaston. *A Poética do Espaço*. São Paulo: Nova Cultural, 1988.

BARBOSA, Francisco Salatiel de Alencar. *O Joazeiro Celeste: tempo e paisagem na devoção ao Padre Cícero*. São Paulo: Attar, 2007.

BETHENCOURT, Francisco. *O imaginário da magia: feiticeiras, adivinhos curandeiros em Portugal no século XVI*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

CAMPOS, Adalgisa Arantes. *São Miguel, as Almas do Purgatório e as balanças: iconografia e veneração na época moderna*. Memorandum, 7, 2004. pp. 102-127. Disponível em <http://www.fafich.ufmg.br/~memorandum/artigos07/campos01.htm>. Acessado em: 20.02.2009.

DELLA CAVA, Ralph. *Milagre em Joazeiro*. São Paulo: Paz e Terra, 1976.

DELUMEAU, Jean. *O que sobrou do Paraíso?* São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

ELIADE, Mircea. *O Sagrado e o Profano: a essência das religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

FLECK, Eliane C.D. "Corpos piedosos em barrocas igrejas: um estudo das representações do espaço reducional do Paraguai do século XVII". *Actas del Congreso Internacional del Barroco iberoamericano*. Sevilla, Espanha: Universidad Pablo de Olavide, 2002, pp. 996-1011. Disponível em <http://www.upo.es/dopa/webdhuma/areas/letras/actas/3cibi/documentos/079.pdf>. Acessado em: 23.03.2009.

GÉLIS, Jacques. "O Corpo, a Igreja e o Sagrado" In: CORBIN, A.; COURTINE, J.J.; VIGARELLO, G. *História do Corpo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. pp. 19-130.

MOTT, Luís. *Rosa Egípcia: uma santa africana no Brasil*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1993.

SARRIÓN, Adelina. *Beatas y endemoniadas: mujeres heterodoxas ante la Inquisición siglos XVI a XIX*. Alianza Editorial: Madrid, 2003.

SCHMITT, Jean-Claude. *Os vivos e os mortos na sociedade medieval*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

PORTA DOS CÉUS: Juazeiro como lugar de salvação a partir de narrativas femininas (Ceará, 1889-1898) – por Edianne dos Santos Nobre

VALENTE, José Angel. *Variaciones sobre el pájaro y la red*. Barcelona: Tusquets, 1991.

Recebido em: 24/08/2009

Aprovado em: 29/05/2010